

# “GUARDAI-VOS DOS ÍDOLOS”: 1Jo 5,21

Ney Brasil Pereira\*

## Resumo

*Este versículo final da primeira carta de João nos surpreende de várias maneiras. Não é uma despedida formal, mas em vez disso é uma brevíssima advertência, até lacônica. Por que será que João concentra nesse versículo a sua palavra final? Ainda mais que o termo “ídeos” não aparece uma vez sequer ao longo da carta? Além disso, por que essa advertência lacônica, numa carta permeada de certezas? É a pergunta que o artigo pretende responder, em duas partes: 1. As “certezas” da 1ª carta de João; 2. Os “ídeos” dos quais devemos guardar-nos.*

**Palavras-chave:** Primeira Carta de João. Advertência. Certezas. Ídeos.

## Abstract

*The final verse of the first Letter of John draws attention because of various aspects implied therein. To begin with, it is not a formal saying of farewell, but instead it is a brief sentence of warning with no explanation at all. We may ask ourselves, what is the purpose of John the concentrating in this verse his final recommendation? Moreover, the word “idols” doesn’t even occur in the text of this Letter, and furthermore, what is the reason of adding this sentence of advertence to quite a relevant writing soaked in certainties? In order to answer these questions this article tries to respond in two parts: 1<sup>st</sup>, the certainties mentioned in the first Letter of John; 2<sup>nd</sup> the “idols” one should be on guard against.*

**Keywords:** First Letter of John. Warning. Certainties. Idols.

## Introdução

Este versículo final da primeira carta de João nos surpreende de várias maneiras. Não é uma despedida formal, como observa Stott<sup>1</sup>, mas em vez disso é

\* O autor é presbítero católico, Mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma e professor na FACASC/ITESC, Florianópolis, SC.

1. STOTT, John R.W., *I, II e III João. Introdução e Comentário*. São Paulo, Edições Vida Nova, Série Cultura Bíblica, 1982 (trad.), p. 168.

uma brevíssima advertência, até lacônica, embora antecedida pela terna forma de tratamento, “*filhinhos*”, que não ocorria desde 3,18. Apenas três vocábulos, depois do vocativo, a constituem: o verbo e o reflexivo, *guardai-vos* (literalmente, “guardai a vós mesmos”), e o complemento do verbo: *dos ídolos*. Por que será que João concentra nesses poucos vocábulos a sua palavra final? Ainda mais que o termo “ídolos” não aparece uma vez sequer ao longo da carta. Além disso, por que essa advertência lacônica, numa carta permeada de certezas? É a pergunta que pretendo responder, em duas partes: 1. As “certezas” da 1ª carta de João; 2. Os “ídolos” dos quais devemos guardar-nos.

### 1. As certezas

Comparando o objetivo expresso do quarto evangelho com o objetivo da 1ª carta, chama a atenção o objetivo que eu diria “missionário”, do quarto evangelho, e o objetivo “intracomunitário”, da 1ª carta. De fato, segundo Jo 20,31, o quarto evangelho foi escrito “*para que acrediteis que Jesus é o Cristo, o filho de Deus e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome*”. Seu autor, identificado como o Discípulo Amado, escreve com a finalidade expressa de despertar a fé<sup>2</sup> em Jesus de Nazaré, reconhecido como o Cristo e Filho de Deus, a fim de que os que crerem “tenham a vida”. Já o objetivo da 1ª carta, segundo 1Jo 5,13, não é para que seus destinatários “creiam e tenham a vida...”, pois já são membros de uma comunidade evangelizada, mas é para que eles, que já creem, saibam e se conscientizem desta certeza: eles já têm a vida eterna: “*Eu vos escrevi tudo isto, a vós que credes no nome do Filho de Deus, para saberdes que tendes a vida eterna*”.

Também na tríplice dedicatória, no capítulo 2º, versículos 12 a 14, dirigindo-se aos “filhinhos”, aos “pais” e aos “jovens”<sup>3</sup> da comunidade, João insiste em transmitir-lhes certezas: (12) *Eu vos escrevo, filhinhos, porque (não “para que”) os vossos pecados estão perdoados por meio do seu nome.* (13) *Eu vos escrevo, pais, porque conheceis (não para que conheçais) Aquele que é desde o princípio. Eu vos escrevo, jovens, porque vencestes o Maligno (não “para que vençais”).* (14) *Eu vos escrevi, filhinhos, porque conheceis o Pai. Eu vos escrevi, pais, porque conheceis Aquele que é desde o princípio. Eu vos escrevi, jovens, porque sois fortes, porque a Palavra de Deus permanece em vós, e porque vencestes o Maligno.* Portanto, explicitamente, nenhuma intenção exortativa, mas afirmações conscientizadoras: os pecados de vocês estão perdoados, vocês conhecem Aquele que é desde o princípio, vocês venceram o Maligno, vocês são fortes, a Palavra de Deus permanece em vocês... Compare-se, por exemplo, esta última afirma-

2. Segundo outros, de “alimentar” a fé, ou crescer na fé já iniciada: no gr., o subjuntivo presente, *hina pisteuete*, ou o aoristo, *pisteusetete*.

3. Ver PEREIRA, Ney B., “A força dos jovens na 1ª carta de João”, em “Encontros Teológicos”, Florianópolis, n. 63 (2012/3), p. 139-157.

ção com a exortação do próprio Senhor, no evangelho, “aos judeus que tinham acreditado nele”: *Se permanecerdes na minha palavra, sereis na verdade meus discípulos...* (Jo 8,31)

Ainda no capítulo 2º, v. 20-21, o autor contrapõe os destinatários da carta aos “anticristos” que saíram da comunidade: *Vós, porém, tendes recebido a unção que vem do Santo, e todos possuíis o conhecimento* (literalmente: “todos sabeis”). *Eu não vos escrevi porque talvez ignoreis a verdade, mas porque a conheceis* (não “para que a conheçais”). Nova afirmação de certeza no v. 27: *Quanto a vós, a unção que recebestes dele permanece em vós, e não tendes necessidade de que alguém – de fora – vos ensine.*

Novas certezas no capítulo 3º: *Sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque o veremos tal como Ele é* (3,2b). E ainda: *Sabeis que Ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não há pecado* (3,5). Mais: *Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos* (3,14). E ainda: *... sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo nele* (3,15b). Sempre de novo, são certezas sabidas, que os destinatários não devem esquecer, e das quais João insiste em conscientizá-los.

No capítulo 5º, nos versículos acrescentados após a menção do já mencionado objetivo da carta (5,13)<sup>4</sup>, o autor assevera, embora com uma condição: *Se sabemos que Ele nos ouve em tudo o que lhe pedimos, sabemos que possuímos o que havíamos pedido* (5,15). Isto é, a certeza de que “possuímos o que pedimos” fica dependendo da certeza anterior de que “Ele sempre nos ouve”, tal a importância, para João, das certezas da fé. É algo semelhante, parece-me, ao que afirma o autor da carta aos hebreus sobre a fé, que é “a certeza (gr. *hypóstasis*: “substância”, garantia, firmeza) das coisas que se esperam” (Hb 11,1).

Finalmente, como numa síntese de todas as certezas expressadas ao longo da carta, João assim se exprime, antes de concluir (5,18-20):

(18) *Sabemos que todo aquele que nasceu de Deus, não vive pecando* (lit. “não peca”); *o Gerado por Deus o guarda, e o Maligno não o pode atingir.*

(19) *Sabemos que somos [nascidos] de Deus, enquanto o mundo inteiro está no Maligno.*

(20) *Sabemos que veio o Filho de Deus e nos deu a inteligência para conhecermos o Verdadeiro. E nós estamos no Verdadeiro, no seu Filho Jesus Cristo. Este é o Deus verdadeiro e a vida eterna.*

Comentemos algumas dessas certezas, que têm notáveis coincidências com as do quarto evangelho. Primeiro, o “nascer de Deus” (gr. *ek tou theou*), que aparece já no prólogo (Jo 1,12-13) e é retomado no diálogo com Nicodemos (Jo 3,3-5: “nascer do alto”, “nascer do Espírito”), é um nascer que não convive com o pecado, pois o Filho de Deus “guarda” o (re)nascido. Quanto a esse “guardar”, no sen-

4. Algo semelhante ao quarto evangelho, no qual temos o acréscimo de todo um capítulo, o cap. 21, após a conclusão do cap. 20,30-31.

tido de proteger (em gr. *têrein*), encontramos-lo também no evangelho, na oração “da Hora”, em relação aos discípulos: “Pai Santo, *guarda-os* em teu nome... Eu os guardava em teu nome... Eu os guardei...” (Jo 17,11-12). Quanto ao “mundo inteiro”, que *está no Maligno*, é uma afirmação que nos causa estranheza, por vários motivos: 1) no cap. 2,2 da mesma carta, João nos diz que “Jesus Cristo, o Justo, é a *oferenda de expiação* pelos nossos pecados... e também pelos pecados *do mundo inteiro*”; 2) no evangelho, numa palavra de conforto aos discípulos, Jesus lhes assegura: “Tende confiança: *Eu venci o mundo*” (Jo 16,33); 3) por outro lado, na já mencionada oração “da Hora”, Jesus exclui “o mundo” da sua oração de intercessão: “*Não te rogo pelo mundo*” (Jo 17,9). É preciso, portanto, ver sempre em que sentido João emprega esse termo polissêmico “mundo”: ora é a humanidade, *o mundo que Deus tanto ama*, a ponto de entregar-lhe seu Filho (Jo 3,16); ora é o mundo adversário, o sistema, que *não deve ser amado* (1Jo 2,15); ora é o mundo ao qual os discípulos não pertencem – *eles não são do mundo* – mas *do qual não devem ser tirados* e ao qual são enviados, como o próprio Filho ao mundo foi enviado... (cf Jo 17,15-18). Ainda quanto ao “mundo inteiro”, notar a contraposição, neste epílogo da carta, entre esse “mundo” e nós: se “o mundo inteiro *está no Maligno*”, dependendo dele, sob sua influência, nós, os nascidos de Deus, “*estamos no Verdadeiro*, [e] no seu Filho...” portanto, livres do Maligno.

Quanto ao “Verdadeiro”, em gr. *alêthinós*, João emprega esse adjetivo no evangelho várias vezes, por exemplo, quando fala da “luz verdadeira” (Jo 1,9), do “pão verdadeiro” (6,32), da videira verdadeira (15,1), do “Deus verdadeiro” (17,3). Neste penúltimo versículo da carta, ele o emprega por três vezes, duas delas como substantivo: “*o Verdadeiro*”, referindo-o ao Deus revelado por Jesus Cristo, o Filho, que nos capacitou a “conhecê-lo”. E “*conhecê-lo*” não apenas teoricamente, mas praticamente<sup>6</sup>, eticamente, levando-nos a amar os irmãos e irmãs. Tanto assim que “é mentiroso” *quem diz que conhece a Deus*, mas “*não guarda os seus mandamentos*” (1Jo 2,4). Estes, entretanto, reduzem-se a um só mandamento, embora duplo: crer no Filho, e amar-nos uns aos outros (cf 3,23).

A sentença final do v. 20 – “*Este é o Deus verdadeiro*” – não se refere ao sujeito anterior mais próximo, Jesus Cristo<sup>7</sup>, mas ao Pai, revelado a nós pelo Filho, exatamente como o “Deus verdadeiro” e a “Vida eterna”. Veja-se, a propósito, a

5. Literalmente, “jaz”, do gr. *keitai*. A BJ e a Bíblia da CNBB traduzem, interpretando: “está sob o poder”, o que me parece ultrapassar o “jazer em”.

6. Uma das grandes insistências de Oseias, p. ex. no pequeno, mas denso oráculo inicial da segunda parte do seu livro: Os 4,1-3. Ele denuncia a “falta de conhecimento de Deus” no país, e a prova disso é o desamor, a violência contra o próximo: “*juram falso, mentem, matam, roubam, cometem adultério...*” Também para Jeremias, “conhecer a YHWH é *praticar o direito e a justiça*, e defender a causa do mísero e do pobre” (cf. Jr 22,15-16). Igualmente para Isaías, a paz messiânica será uma feliz realidade quando a terra estiver *repleta do conhecimento de YHWH* (cf. Is 11,9).

7. O que seria gramaticalmente possível e assim foi entendido pelos Pais da Igreja em suas controvérsias contra Ario (cf. STOTT, op. cit., p. 168).

palavra de Jesus em Jo 17,3, na oração “da Hora”: “*Esta é a vida eterna: conhecer-te a ti, o Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, teu Filho, que enviaste*”.

Não há dúvida, pois, de que, do começo ao fim da carta, apesar de certas inevitáveis passagens polêmicas, seu autor quer antes de tudo confirmar, assegurar, conscientizar, partilhar *certezas* – as *certezas da vitória que vence o mundo, a nossa fé* (1Jo 5,4). E esta, a fé cristológica, comprovada pelo amor fraterno (3,23).

## 2. Os ídolos

Começo esta segunda parte do artigo com uma observação de Raymond Brown, no seu volumoso comentário das cartas de João<sup>8</sup>: as palavras finais da 1ª carta de João apresentam-nos um problema especial. O artigo definido “os ídolos” implica que o autor tinha muita clareza sobre os ídolos aos quais queria referir-se, mas os comentaristas não conseguem pôr-se de acordo em interpretá-los. A seguir, apresenta dez hipóteses não necessariamente autoexcludentes. Aproveitarei aqui essas hipóteses, resumindo-as, depois de lembrar a origem etimológica desse vocábulo grego: *eidōlon*, que vem de *eidōs*, aspeto exterior, forma (do verbo *ideîn*, ver), e significa imagem, retrato, ídolo. Na LXX, esse vocábulo, no plural, traduz o hebr. *ghillûlîm* (Dt 29,17) ou *’elîlîm* (Lv 19,4). A propósito, recordemos a proibição de imagens/ídolos no decálogo: “*Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que existe em cima nos céus, ou embaixo na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante dos ídolos, nem lhes prestarás culto...*” (Ex 20,4-5 e Dt 5,8-9).

Resumo das hipóteses<sup>9</sup>: 1) Para Platão, ídolos são objetos “irreais” dos sentidos em contraste com o mundo “real” das ideias. Algo semelhante seria a oposição joanina entre o que é do céu e o que é da terra (cf. Jo 3,12). 2) As imagens dos deuses pagãos são “ídolos”, como eram em Éfeso as estatuetas de Artemis, e como o são os “ídolos de ouro, prata, bronze e pedra”, segundo Ap 9,20. 3) Ídolos seria uma abreviada referência aos “*idolótitos*”, carnes imoladas aos ídolos, problema mencionado em At 15,29; 1Cor 10,19; Ap 2,14. 4) Ídolos representam um compromisso com a idolatria, entendida como a “*abominação*” da qual os israelitas deviam guardar-se, por exemplo, ao entrarem em Jericó (Js 6,18). 5) Ídolos designariam as *religiões de mistérios* e suas práticas de busca de contato com o divino, no ambiente helenista de Éfeso. 6) Ídolos designariam as *ideologias gnósticas*, como a de Cerinto, e identificariam os separatistas da 1ª João com os gnósticos. 7) Ídolos designariam o culto no Templo, superado pela adoração “em espírito e verdade” (Jo 4,24). Seria uma advertência semelhante à da carta aos hebreus, contra a volta ao antigo culto (Hb 10). 8) Ídolos seriam

8. BROWN, Raymond E., “*The epistles of John*”, col. The Anchor Bible, vol. 30, New York, 1983, Doubleday, p. 627.

9. Cf BROWN, op. cit., p. 627-629.

as várias formas de pecado, como as atrações do “mundo”, citadas na carta, em 2,15-17. 9) Ídolos poderiam designar ainda o que quer que tome o lugar de Deus. No final da carta, eles, sendo falsos, se contraporiam ao “Verdadeiro”, o verdadeiro Deus, proclamado por três vezes no versículo anterior. Esta hipótese é talvez a mais sugestiva, cobrindo religião, riquezas, sexo, poder etc. 10) Por fim, idolatria seria o abandono da comunidade, como o fizeram os “anticristos” denunciados em 2,18-19.22 e 4,3-4. Um salmista de Qumran denuncia os “mes-tres de mentiras e falsos profetas” que “caminham na teimosia do seu coração procurando a Deus entre os ídolos” (1QH 4,9-11). A “Regra da Comunidade” declara “maldito aquele que entra na Aliança continuando a andar entre os ídolos do seu coração...” (1QS 2,11-12).

Ainda Brown, depois de outras considerações, conclui desta forma: “A advertência final ‘*Guardai-vos dos ídolos*’, portanto, assemelha-se a outras advertências da carta, p. ex.: ‘*Não ameis o mundo*’ (2,15); ‘*Não precisais de que ninguém vos ensine*’ (2,27); ‘*Não acrediteis em qualquer espírito...*’ (4,1)”<sup>10</sup>. Quer dizer, não é absolutamente uma advertência apenas contra a idolatria das imagens, embora ela, no seu simbolismo, também esteja incluída. Em todo caso, “chama a atenção o fato de que o v. 21 é a contrapartida negativa das certezas dos v. 18-20. O pano de fundo da Aliança mostra que há contraposição entre ‘o verdadeiro Deus’ de 5,20 e os ‘ídolos’ de 5,21, entendidos em termos de secessão, de apostasia. O povo eleito foi muitas vezes advertido contra o abandono do único verdadeiro Deus pela adesão aos ídolos, e contra a transgressão dos seus mandamentos pela aceitação da vida permissiva dos ídólatras. Segundo o autor da carta, os separatistas estavam procurando seduzir seus aderentes, desviando-os da fé no Deus que se revelou em Jesus Cristo encarnado e igualmente da prática do amor implicado por essa fé. Essa era a maneira contemporânea de ‘ir atrás dos ídolos’, pois os próprios separatistas de certo modo transformaram-se em ‘ídolos’”<sup>11</sup>. Não inanimados, em carne e osso, mas “ídolos”.

Mas vou ainda partilhar algumas sugestões de Jean-Louis Ska, num artigo focalizando exatamente o nosso tema<sup>12</sup>. Considerando a estrutura do final da carta, o conjunto das três certezas dos v. 5,18-20 junto com a advertência do v. 21, Ska propõe integrar esse v. 21 com os que o precedem, segundo este esquema:

1. *Nós sabemos* (v. 18)  
*que todo aquele que nasceu de Deus...*  
*e (mas) o Maligno não pode atingir.*

10. Idem, *ibid.*, p. 629.

11. Idem, *ibid.*, p. 641.

12. SKA, Jean-Louis, “Petits enfants, prenez garde aux idoles” (1Jn 5,21), in NRT, Louvain, vol. 101 (1979), p. 860-874.

2. *Nós sabemos* (v. 19)  
*que somos de Deus...*  
*enquanto (mas) o mundo inteiro jaz no Maligno.*

3. *Nós sabemos* (v. 20)  
*que veio o Filho de Deus... e nós estamos no Verdadeiro...*  
*(mas) Filhinhos, guardai-vos dos ídolos* (v. 21).

Conforme este esquema, os “ídolos” representam “as forças que arrastam ao seguimento e domínio do Maligno (mencionado nos v. 18 e 19) e separam da comunidade dos filhos de Deus”<sup>13</sup>. Por outros caminhos, é uma interpretação que se aproxima à de Brown. Ska insiste muito na força do vocativo “filhinhos”, em gr. *teknia*, empregado 7 vezes na carta, sempre ligado a uma exortação premente: em 2,1.12.28 e 3,7.18 e 4,4, a mais concisa e tocante sendo exatamente esta última, em 5,21<sup>14</sup>. Outra observação interessante de Ska é o fato das numerosas advertências, nas cartas pastorais e na 2ª de Pedro e na de Judas, contra as “falsas doutrinas”, embora sem relacioná-las explicitamente com a idolatria<sup>15</sup>. Por outro lado, na 1Cor 10,19-21 e no Apocalipse 9,20, os “ídolos” são mencionados em relação com os “demônios”, ou seja, pelo contexto, instrumentalizados pelo Maligno, como neste final da carta de João.

Quanto à tradição patrística em relação ao nosso versículo, Ska ressalta a citação de um anônimo, em Dídimos de Alexandria<sup>16</sup> († 398): “Entretanto, alguém diz que João, ao escrever assim, deu-lhes a entender que muitos anticristos já tinham vindo e que havia falsos profetas, os quais, caindo longe da verdade, não pensavam nem ensinavam nada de estável e sólido, mas semeavam, nas mentes dos que neles acreditavam, toda sorte de ídolos fabricados. Assim, essas ideias, pintadas ou plantadas nos espíritos por meio de uma doutrina saída de uma falsa ciência, não é à toa que se lhes chame de ‘ídolos’; e recomenda que se guardem desses ídolos todos aqueles que com reverência aproximam-se do verdadeiro Deus”.

Da conclusão de Ska, cito ainda o seguinte, resumindo: Os falsos profetas ou anticristos, que se apresentam “em lugar” do Cristo e ou que lutam “contra” Ele (são os dois possíveis sentidos do prefixo gr. *anti*), agem propriamente em nome do Maligno. E a pregação deles, afastando do verdadeiro Deus, só pode produzir idolatria. “Querendo tomar o lugar do Cristo, o único ‘Verdadeiro’ (5,20), eles necessariamente conduzem a ‘ídolos’ e não ao verdadeiro Deus. Seu erro fundamental é o de não reconhecerem ao Cristo o lugar que lhe compete na história da salvação” (cf. 4,2-3)<sup>17</sup>.

13. Idem, *ibid.*, p. 863.

14. Idem, *ibid.*, p. 864-865.

15. Ele cita (*ibidem*, p. 870): 1Tm 4,1-5; 2Tm 3,1-9; 4,1-5; 2Pd 2,1-22; 3,3-5; Jd 3-16.

16. DÍDIMOS DE ALEXANDRIA, *Enarrationes in Epist. 1 S. Johan.*, PG 39,1808bd. Traduzo do texto latino, cit. por SKA, que por sua vez o traduz em francês, *ibid.* p. 872-873, n. 24.

17. Id., *ibidem*, p. 873-874.

Vale a pena ainda citar, a título de informação, mesmo que coincidindo com o que já foi exposto, algo do comentário de Russel Norman Champlin<sup>18</sup>: “O presente versículo é uma espécie de sumário da epístola toda. Pois qualquer coisa a que alguém dê atenção, às expensas das realidades divinas, serve de ídolo para ele. [...] Dentro do mundo de João, os ‘ídolos’ apontavam para o paganismo circundante. Seu paralelismo moderno é o paganismo dos nossos dias, ao qual as pessoas, equivocadamente, prestam fé e lealdade. [...] São todas as falsas imagens de Deus, que as pessoas fabricam para si mesmas, ao invés de aceitarem a verdadeira revelação que Ele nos dá em seu Filho. [...] A idolatria, literal ou figurada, continua a ameaçar a Igreja, embora esta assevere adorar exclusivamente a Deus”.

### Conclusão

Depois do que vimos, da recapitulação das certezas triunfantes das quais nos conscientiza o Discípulo Amado na sua primeira carta, e depois de buscarmos identificar os “ídolos” aos quais ele se refere na sua última, lacônica, mas densa advertência, no versículo final, resta-nos apenas tirar a nossa conclusão prática. Hoje, neste início do terceiro milênio, neste Brasil em contexto de América Latina, num mundo globalizado e, de certo modo, pós-cristão. Penso que os “ídolos” dos quais devemos guardar-nos são, em dimensão sociopolítica global, como as Bestas, do mar e da terra, as “crias” do Dragão do Apocalipse (cap. 13): a Besta do mar, o Império, e a Besta da terra, a Ideologia a serviço do Império. Mas são também, em dimensão sociopolítica intrapessoal, os ídolos do ter, do prazer e do poder, que nos corroem a cada um de nós por dentro, impedindo-nos de reconhecer o “Verdadeiro”, revelado no seu Filho Jesus Cristo, e impedindo-nos também de reconhecer no outro e na outra, ao nosso lado, o irmão e a irmã. A propósito, não podemos ignorar ainda os perigos da idolatria na religião, tendenciosamente mais ritual do que ética, também em nossas Igrejas<sup>19</sup>, segundo a denúncia fundamental de Oseias: “*Eu quero a misericórdia/solidariedade e não os sacrifícios rituais!*” (Os 6,6). Apesar de tudo, porém, a vitória que vence o mundo, que vence os “ídolos”, é a nossa Fé. E esta, como nos lembra o Discípulo Amado – não o esqueçamos! –, é a fé cristológica, comprovada na prática pelo amor fraterno (3,23). Tiago completa: “*A fé, sem obras, é morta!*” (Tg 2,17).

Ney Brasil Pereira

Caixa postal 5041

88040-970 Florianópolis, SC

E-mail: ney.brasil@itesc.org.br

18. CHAMPLIN, Russell Norman, “*O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*”, São Paulo, 1982 (3ª impressão), Distrib. MILENIUM, vol. VI, p.303.

19. Certo devocionalismo católico mercantilista, certa teologia da prosperidade também mercantilista... e por aí vai.